

CONHECENDO POSSIBILIDADES DE CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO COLABORATIVO PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

M. A. SILVA¹, L. G. B. SILVA, A. M. F. LARANJEIRA, L. R. SILVA, A. CENCI

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5469-3904>¹
maxalves.smg@gmail.com¹

Submitted May 22, 2023 - Accepted December 31, 2023

DOI: 10pts.15628/holos.2023.10758

RESUMO

Esta investigação é um levantamento de artigos que descrevem práticas de trabalho colaborativo para promoção da educação inclusiva feito no portal digital do Periódicos Capes, na Revista Educação Especial e na Revista Brasileira de Educação Especial. O objetivo é compreender as diferentes configurações de trabalho colaborativo partindo das práticas relatadas nos artigos. É uma pesquisa exploratória, do tipo bibliográfica. Após a leitura dos textos resultantes da busca, aplicados os

critérios de exclusão, ficaram 11 artigos, que foram organizados em duas categorias: trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular (4 artigos) e trabalho colaborativo coletivo (7 artigos). Em ambas categorias, se esperava encontrar um número maior de textos e uma descrição das práticas mais detalhadas. A ênfase no trabalho colaborativo não intenta defendê-lo como o único caminho para a inclusão escolar; mas é imprescindível ressaltar que culturas colaborativas são mais inclusivas

PALAVRAS-CHAVE: trabalho colaborativo, educação inclusiva, escola.

POSSIBILITIES FOR CONFIGURING COLLABORATIVE WORK FOR SCHOOL INCLUSION

ABSTRACT

This investigation is a survey of articles that describe collaborative work practices to promote inclusive education. The search was done on the digital portal of the Periódicos Capes, in the Revista Educação Especial and in the Revista Brasileira de Educação Especial. The objective is to understand the different configurations of collaborative work based on the practices reported in the articles. It is an exploratory and bibliographic research. After reading the texts resulting from the search, applying the exclusion criteria, 11 articles remained, which were

organized into two categories: collaborative work between specialist teacher and regular class teacher (4 articles) and collective collaborative work (7 articles). In both categories, it was expected that a greater number of texts and a more detailed description of the practices would be found. The emphasis on collaborative work does not attempt to defend it as the only path to school inclusion. Nevertheless, it is essential to emphasize that collaborative cultures are more inclusive.

KEYWORDS: collaborative work, inclusive education, school.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão dos alunos com deficiência, com autismo e com altas habilidades/superdotação na escola regular é diretriz da política brasileira há mais de uma década (Brasil, 2008), porém para efetiva participação e aprendizagem desses alunos é necessário discutir a organização da escola e do ensino (Rolim, Lima, Lagares, 2017; Azevedo, 2023). Muitas pesquisas foram desenvolvidas nessa perspectiva. Aqui pretende-se analisar aquelas que fazem a discussão a partir do trabalho colaborativo.

Damiani (2008) entende que no trabalho colaborativo os sujeitos compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto. A autora faz uma revisão de literatura e indica que há uma extensa produção sobre trabalho colaborativo; ela traz algumas dessas pesquisas que apontam o trabalho colaborativo como possibilidade para os profissionais da educação enfrentarem as dificuldades do cotidiano escolar se engajando coletivamente na análise, busca de solução, proposição de novas práticas.

Souza e Mendes (2017) fazem uma revisão de teses e dissertações brasileiras sobre pesquisa colaborativa em educação especial na perspectiva inclusiva e constataam crescimento das pesquisas a partir de 2008. As autoras destacam a parceria entre pesquisadores e profissionais da educação, indicando que a postura de estudar com os sujeitos e não sobre os sujeitos contribui para mudanças no contexto de ensino para os alunos público alvo da educação especial.

A investigação aqui apresentada também nasce do interesse em compreender como o trabalho colaborativo pode contribuir para a inclusão de todos na escola. Desse modo, se apresenta um levantamento de artigos que descrevem práticas de trabalho colaborativo para promoção da educação inclusiva, o objetivo é compreender as diferentes configurações de trabalho colaborativo partindo das práticas relatadas nos artigos.

2 METODOLOGIA

Em consonância com o objetivo, define-se essa pesquisa como exploratória, na qual o propósito é proporcionar maior familiaridade com determinado tema ou problema (Gil, 2019). Quanto ao delineamento, ela é definida como pesquisa bibliográfica, pois é realizada com base em material já publicado (Gil, 2019).

A questão de pesquisa que orientou o levantamento dos artigos foi: Como o trabalho colaborativo com vistas à inclusão escolar tem se configurado?

Para levantamento dos artigos foi realizada busca, no mês de novembro de 2019, no portal digital do periódicos Capes com as seguintes palavras chaves: trabalho colaborativo e educação inclusiva. Associado às palavras chaves, utilizou-se nas buscas operadores booleanos gerando os seguintes parâmetros: qualquer + contém + "trabalho colaborativo" + and + qualquer + contém + "educação inclusiva" e encontramos 104 resultados. Também foi pesquisado com os parâmetros qualquer + é exato + "trabalho colaborativo" + and + qualquer + é exato + "educação inclusiva", chegando a 28 resultados.

Com intuito de encontrar mais resultados e, de estes trabalharem no contexto brasileiro, buscou-se também em duas das revistas reconhecidas da área da educação inclusiva no país: a Revista Brasileira de Educação Especial (publicada pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial - ABPEE) e a Revista Educação Especial (publicada pela Universidade Federal de Santa Maria). Por se tratarem de revistas com escopo específico na educação especial e inclusiva, considerou-se necessário apenas a busca para “trabalho colaborativo”. Como a busca com esse termo resultou em poucos achados, utilizou-se o filtro “colaboração”. Na Revista Educação Especial, tivemos 14 resultados. Já na Revista Brasileira de Educação Especial tivemos 5.

Primeiramente descartou-se os artigos duplicados (que apareceram em mais de uma das buscas) e leu-se os resumos dos artigos no portal digital do periódicos Capes e das revistas de educação especial. Na sequência, foram excluídos os que não articulavam o trabalho colaborativo e educação inclusiva, restando 28 artigos.

Estes 28 artigos foram lidos na íntegra e foram excluídos os que não relataram práticas de trabalho colaborativo. Estes textos excluídos tratavam de estudos teóricos e bibliográficos, análise de questionários e/ou entrevistas, alguns até mencionaram práticas de trabalho colaborativo, mas não as descreviam. Como corpus para análise, ficaram 11 artigos.

As práticas de trabalho colaborativo/colaboração descritas nestes textos assumiam diferentes configurações. Elas foram agrupadas em duas categorias:

- Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular: relato de práticas colaborativas, visando a inclusão, envolvendo o professor especialista (da educação especial) e o professor de classe regular. Esse trabalho pode ser realizado com os professores juntos na sala de aula regular ou articulando o trabalho da classe regular e do contexto de ensino especializado.
- Trabalho colaborativo coletivo: relato de práticas colaborativas, visando a inclusão, que expandem o diálogo na escola e/ou para além dela. Práticas que envolvem professores e outros profissionais da escola, profissionais de outras áreas (principalmente da saúde), comunidade, família, pessoas com deficiência, pesquisadores. Embora a proposição de coletivo implique amplo diálogo, as práticas descritas podem apresentar-se também sendo de abrangência mais restrita.

3 RESULTADOS

Os 11 artigos resultantes do levantamento são listados no Quadro 1, indicando seus autores, ano de publicação, a revista na qual foi publicado e a categoria que o agrupa.

Quadro 1: Levantamento dos artigos sobre trabalho colaborativo/colaboração e inclusão

Título	Autores	Ano	Revista	Categoria
Parceria Colaborativa: descrição de uma experiência entre ensino regular e especial	Bárbara Carvalho Ferreira; Enicéia Gonçalves Mendes; Maria Amélia Almeida; Zilda Aparecida Pereira Del Prette.	2007	Revista Educação Especial	Trabalho colaborativo coletivo
O papel consultivo do fonoaudiólogo: algumas reflexões sobre a consultoria na escola regular	Andréa Carla Machado; Suzelei Faria Bello; Maria Amelia Almeida	2012	Revista Educação Especial	Trabalho colaborativo coletivo
Eduquito: ferramentas de autoria e de colaboração acessíveis na perspectiva da web 2.0	Lucila Maria Costi Santarosa; Débora Conforto; Lourenço de Oliveira Basso	2012	Revista Brasileira de Educação Especial	Trabalho colaborativo coletivo
Formação de professores por meio da pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual	Elizabeth Humai de Toledo; Célia Regina Vitaliano	2012	Revista Brasileira de Educação Especial	Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular
O trabalho colaborativo na escola: o uso da tecnologia assistiva	Rosana Carla Do Nascimento Givigi; Raquel Souza Silva; Juliana Nascimento de Alcântara; Thais Alves de Souza; Vera Lucia Oliveira Ralin.	2016	Educação (Revista do Centro de Educação da UFSM)	Trabalho colaborativo coletivo

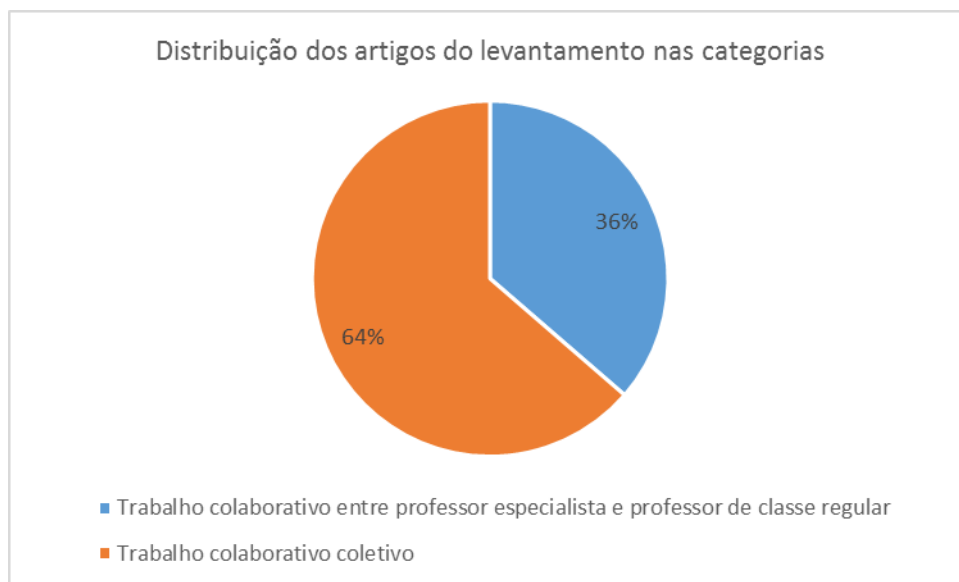
"Olhar" e pensar o ensino para alunos com deficiência: os saberes produzidos em contexto colaborativo	Ana Paula de Freitas; Maria Inês Bacelar Monteiro.	2016	Revista Lusófona de Educação	Trabalho colaborativo coletivo
Didática, reflexão e análise no processo de ensino/aprendizagem visando a integração de alunos com Necessidade Educativas Especiais (NEE)	Ana Maria Araújo Pessanha; Alda Maria Encarnação Rodrigues Leal.	2017	Revista Matéria-prima	Trabalho colaborativo coletivo
Desenvolvimento do trabalho colaborativo entre uma professora de Educação Especial e professores da classe comum	Josemaris Aparecida Martinelli; Célia Regina Vitaliano.	2018	Perspectiva: Revista do centro de Ciências da Educação	Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular
Construção mediada e colaborativa de instrumentos de avaliação da aprendizagem na escola inclusiva	Alessandra de Fatima Giacomet Mello, Regina Célia Linhares Hostins.	2018	Revista Educação Especial	Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular
Formação continuada dos professores em contexto: espaços de diálogo/formação no ensino fundamental	Rosana Carla Nascimento Givigi, Raquel Souza Silva	2018	Revista Educação e Cultura Contemporânea	Trabalho colaborativo coletivo
Educação Matemática: A articulação de concepções e práticas inclusivas e colaborativas.	Danielle Aparecida Nascimento dos Santos; José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti; Naiara Chierice da	2019	Revista Educação Matemática Pesquisa (EMP) - PUC/SP	Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular

	Rocha; Denner Dias Barros.			
--	-------------------------------	--	--	--

Embora não tenha sido utilizado parâmetro de período como filtro na busca, a maioria dos textos é publicado a partir de 2008. Esse foi o ano da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e, a partir dela, as diretrizes para que os alunos com deficiência, com Transtorno do Espectro Autista e com altas habilidades devessem estar na escola regular, recebendo suporte para lograr sucesso na escolarização (Brasil, 2009, 2011). Na busca há apenas um artigo publicado em período anterior, no ano de 2007.

Considerando a distribuição dos artigos nas categorias, foram encontrados 4 artigos na categoria *Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular* (36%) e 7 artigos na categoria *Trabalho colaborativo coletivo* (64%). Essas informações estão ilustradas na Figura 1.

Figura 1: Distribuição dos artigos do levantamento nas categorias



4 DISCUSSÃO

O trabalho colaborativo visando a inclusão foi descrito de diferentes maneiras nos artigos encontrados. A proposição da análise nas categorias: 1) trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular e 2) trabalho colaborativo coletivo deve-se ao objetivo de compreender as configurações do trabalho colaborativo para a inclusão escolar. Na sequência são apresentadas as duas categorias destacando, dos artigos, a compreensão de trabalho colaborativo e como ele foi desenvolvido.

4.1 Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular

São 4 artigos que descrevem práticas envolvendo os professores que atuam na educação especial e os professores que atuam na classe regular.

Esse trabalho colaborativo pode ser desenvolvido na perspectiva da atuação dos dois professores juntos na sala de aula regular ou de prática que articula o trabalho da classe regular e do contexto de ensino especializado, como por exemplo, o atendimento educacional especializado (AEE). Chamou atenção que poucas pesquisas nessa perspectiva apareceram no levantamento dos artigos. Na área da Educação Especial no Brasil, tem se falado, principalmente, em coensino (ou ensino colaborativo) entendendo o papel do professor especialista na classe regular, planejando junto com o professor da turma a adequação do currículo, a avaliação, a organização da sala de aula e das atividades coletivas e individuais (Vilaronga & Mendes, 2014; Mendes, Vilaronga & Zerbato, 2014).

Nos artigos do levantamento, nenhum adota o termo coensino, falam de trabalho/práticas/estratégias colaborativas. Eles envolvem tanto o trabalho do professor especialista e do professor de classe regular juntos na sala de aula, como o trabalho desses professores articulado em reuniões, estudo e planejamento.

Toledo e Vitaliano (2012) desenvolvem o trabalho desde a perspectiva da pesquisa colaborativa que definem como "uma proposta de investigação educacional capaz de articular a pesquisa e o desenvolvimento profissional por intermédio de aproximações entre universidades e escolas" (p. 323). Segundo as autoras, a pesquisa colaborativa pode ampliar os conhecimentos dos profissionais envolvidos, devido às trocas de experiências, e auxiliar na resolução de problemas relacionados à aprendizagem.

Em consonância com a concepção de pesquisa colaborativa, elas buscam investigar a eficácia de um programa de formação de professores com vistas a favorecer o processo de inclusão de alunos com Deficiência Intelectual (DI). As autoras constroem a pesquisa em 3 fases, sendo a segunda fase, a da intervenção, a que explicita com clareza a prática colaborativa. Participaram da pesquisa e de suas fases, duas pesquisadoras (sendo uma delas a professora de educação especial da escola), além de uma professora de Língua Portuguesa e outra de Artes. A prática interventiva se deu em conversas reflexivas sobre as aulas observadas na primeira fase da pesquisa, em ciclos de estudos reflexivos de textos teóricos sobre temas pertinentes ao processo de inclusão de alunos com DI, no planejamento das aulas e na participação da pesquisadora em sala de aula, colaborando no atendimento aos alunos, em especial daqueles com DI.

Martinelli e Vitaliano (2018) postulam que o trabalho colaborativo se constitui em uma ação pedagógica que atende as demandas apresentadas pelos estudantes com NEE e por seus professores. Segundo as autoras, essa proposta prevê além cooperação entre os docentes e a presença física dos dois professores em sala de aula. No artigo, as autoras descrevem um processo de intervenção desenvolvido por uma professora especialista em Educação Especial e por professores do ensino comum, em conjunto. Para tanto, trabalhando também sob a perspectiva da pesquisa colaborativa, estruturam seu trabalho em três fases: coleta dos dados por meio de questionário, fazendo um levantamento das necessidades de formação dos professores; processo de intervenção partindo dos dados da etapa anterior, sendo realizados ciclos de estudos, práticas

reflexivas, planejamento de aula e participação da pesquisadora em sala; e por fim, a avaliação do processo de intervenção.

Também na perspectiva de pesquisa articulada à formação, Mello e Hostins (2018) desenvolvem uma proposta de trabalho colaborativo com sete professores dos anos finais do ensino fundamental, de diferentes disciplinas, que tinham uma aluna com deficiência intelectual e com duas professoras de educação especial – todos da mesma escola. A intervenção envolveu encontros do grupo, estudo e realização de atividades no contexto da sala de aula. O objetivo do trabalho era construir instrumentos de avaliação da aprendizagem. As pesquisadoras relatam que o grupo de professores criou o Plano Colaborativo de Atendimento Educacional para a aluna. Tal Plano organizava a colaboração entre os professores das disciplinas e professores especialistas, entre o trabalho da sala comum e do atendimento especializado da sala de recursos, indo além apenas da avaliação. A pesquisa conclui que o trabalho colaborativo possibilita ampliar e melhorar a intervenção pedagógica junto aos alunos com deficiência.

Santos et al. (2019) apresentam três pesquisas na área do ensino de matemática desenvolvidas a partir da abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa (CCS) e do trabalho com projetos envolvendo toda a escola.

A primeira pesquisa descreve a intervenção junto a uma professora de matemática e uma professora de educação especial desenvolvendo um projeto em uma turma do sexto ano com duas alunas com deficiência intelectual; ele foi organizado em três fases: 1) identificação do contexto; 2) ações colaborativas com as professoras para o planejamento e implementação do projeto “gestão ambiental: eu no ambiente escolar” para toda a turma; 3) análise dos dados com a colaboração das professoras. Os autores concluem que a intervenção possibilitou condições para a colaboração entre os professores e que o trabalho desenvolvido nessa perspectiva promoveu envolvimento e aprendizagem das alunas com deficiência.

Já a segunda pesquisa não traz uma prática colaborativa, diferente da primeira e terceira. Esta última, embora não descreva as práticas realizadas, aponta o desenvolvimento de plano de ensino individualizado para uma aluna surda a ser aplicado nas aulas de matemática e na sala de recursos multifuncional, concluindo que o apoio dos docentes dos dois contextos potencializou a inclusão da aluna, sua compreensão da matemática e suas interações na escola.

Nos dois primeiros artigos, as práticas descritas se assemelham. As pesquisas são do mesmo grupo, indicando um interesse de investigação compartilhado, sendo profícuo acompanhar as produções do grupo. Destaca-se ainda que os autores dos quatro artigos indicam a importância do trabalho colaborativo não restrito ao professor especialista e professor de classe regular, embora esse tenha sido o foco dos estudos.

4.2 Trabalho colaborativo coletivo

Essa é a categoria de maior interesse, uma vez que o motivo que desencadeia o levantamento é conhecer propostas de trabalho colaborativo voltados à inclusão escolar que possam inspirar a proposição de um trabalho coletivo na escola.

Foram levantados 7 artigos descrevendo práticas colaborativas coletivas. A amplitude dos trabalhos e o número de pessoas engajadas neles variam bastante. Essa categoria abarcou práticas

que envolviam professores e outros profissionais da escola, profissionais da área da saúde e da tecnologia, pais, pessoas com deficiência, pesquisadores. Todavia se entenda que a menção à “coletivas” implicaria o diálogo ampliado na escola incluindo todos os sujeitos, se faz a ressalva que o critério de inclusão dos artigos contemplou todos que descreviam práticas que os autores referiam como colaborativas e que iam além do professor de classe regular e professor especialista.

Embora Ferreira et al. (2007) conceituem ensino colaborativo como sendo uma parceria entre os professores de educação regular e os de educação especial, no qual ambos dividem as responsabilidades de planejar, instruir e avaliar um grupo heterogêneo de estudantes, as autoras apontam que para que haja um trabalho de colaboração, é necessário a participação de todos (pais, professores, direção e demais funcionários da escola) compartilhando as responsabilidades e recursos, e atentam que esta participação deve ser voluntária. Seguindo essa compreensão ampliada de colaboração as autoras elaboram seu estudo a partir de experiência em uma turma de uma escola regular na qual estudava um aluno com cegueira congênita. Antes da intervenção propriamente dita, há o diálogo com a direção da escola, observação das aulas e conversas com professores de classe regular e com a professora da sala de recursos.

Uma das autoras, que é professora de educação especial, desenvolve o trabalho atuando junto a professora de Língua Portuguesa na sala de aula, com todos os alunos. O sucesso do trabalho é atribuído, além do envolvimento da professora, à participação da direção da escola e dos pais do aluno com deficiência nas discussões sobre as estratégias possíveis e à aproximação que foi promovida entre a professora da sala de recursos e os professores da classe regular.

Como resultado do trabalho colaborativo, as autoras destacam a melhoria das práticas já existentes e a implementação de novas práticas, entre elas as referentes ao manejo ambiental, ao planejamento de atividades, ao processo de tutoria e estratégias de convívio para os demais alunos (auxiliando no processo de socialização e aprendizagem do aluno com deficiência), as estratégias de ensino, as adaptações de materiais e a inclusão de conteúdos e dinâmicas que envolvessem o tema da deficiência visual.

Um aspecto também destacado no estudo de Givigi et al. (2016) é o engajamento dos profissionais da escola. As pesquisadoras desenvolvem o estudo a partir de visitas semanais a 5 escolas públicas do estado de Sergipe que tinham alunos com deficiência matriculados. Essa pesquisa aconteceu de 2012 a 2014. Ela faz parte de projeto mais amplo que tem como eixos de discussão e formação continuada a Tecnologia Assistiva (TA) e Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA).

No artigo as autoras (Givigi et al., 2016) relatam que o trabalho iniciou entendendo o contexto e a dinâmica das escolas e a atuação dos profissionais para, então, traçar ações de intervenção nas escolas. Dentre as ações realizadas destaca-se: reunião com a gestão; encontros individuais com os professores da sala; adaptação curricular do material escolar e adaptação do material individual; palestras sobre o uso dos recursos de TA com professores; mediação da relação das crianças com os pares em atividades recreativas e datas comemorativas; uso dos recursos de TA como letras móveis, contagem de histórias com material adaptado, adaptação do sinal de adição e subtração, dominós temáticos e pedagógicos, ábaco de madeira, jogos silábicos; palestra sobre os recursos de CAA para os professores; execução de atividades lúdicas; mediação nas atividades recreativas e nas aulas de educação física; colaboração nas atividades pedagógicas

diárias; implementação dos recursos de CAA como pranchas móveis com velcros, uso de sistema de CAA; mediação das atividades recreativas e nas aulas de educação física; avaliações adaptadas com o uso de pranchas e da TA. A expectativa das pesquisadoras com esse trabalho seria de que as estratégias discutidas e implementadas em parceria com os professores pudessem ser apropriadas por eles e fazer parte do cotidiano da escola, tal propósito parece ter sido alcançado em parte, pois na ausência das pesquisadoras algumas práticas não se sustentavam.

Em projeto desenvolvido tempo depois, em outra escola na cidade de Aracaju, Silva e Givigi (2018) também levam a proposta do trabalho colaborativo pensando a formação continuada dos profissionais para a educação inclusiva, com foco nos alunos com dificuldades de aprendizagem e com deficiência. Entre novembro de 2015 e julho de 2016 são realizadas visitas sistemáticas a escola (37 visitas) com o propósito de conhecer o contexto da escola e o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores, entender as especificidades dos alunos com deficiência, dialogar com os profissionais para pensar juntos uma proposta de intervenção. Os espaços de diálogo propostos para reflexão sobre o trabalho foram transformando-se em espaço para queixas, os professores não se engajavam nas propostas. As problematizações levantadas pelas pesquisadoras não conseguiram romper as práticas estabelecidas, os “regimes de verdade e práticas que patologizam, que enquadram, que segregam os alunos com deficiência/dificuldade na escola” (SILVA, GIVIGI, 2018, p.144).

O trabalho colaborativo pressupõe sujeitos dispostos a reflexão e participação. Givigi et al. (2016) e Silva e Givigi (2018) evidenciam que o sucesso das propostas de trabalho colaborativo depende do engajamento dos sujeitos, da disposição e identidade com a proposta.

Também com relato produzido a partir de proposta de formação continuada na perspectiva da pesquisa colaborativa, Freitas e Monteiro (2016) apresentam o trabalho desenvolvido em uma escola pública com um grupo de professores (15 professores de diferentes áreas que quiseram participar), diretora, além dos duas pesquisadores e uma aluna de pós-graduação. As autoras entendem o trabalho colaborativo como uma prática social, um lugar de produção de significação no qual “as relações sociais concretizam-se e os participantes produzem sentidos novos e diversos por meio da transposição/conversão da experiência coletiva em algo próprio e peculiar” (Freitas & Monteiro, 2016, p. 158). Esta visão orientou o trabalho que consistia em discussão e estudo teórico mediado pelas pesquisadoras sobre concepção de deficiência e possibilidades para o trabalho pedagógico com os alunos com deficiência. Tal metodologia apostava que nas discussões os significados sobre deficiência poderiam ser transformados, os professores poderiam atribuir outros sentidos à inclusão, sendo esse um primeiro passo para a mudanças das práticas. As autoras relatam mudanças nas concepções dos professores em relação aos alunos com deficiência, que era centrada na impossibilidade e numa visão estereotipada, o que denota indícios de transformação das práticas.

Machado, Bello e Almeida (2012) trazem outra perspectiva para prática de trabalho colaborativo. As autoras apresentam o trabalho colaborativo como estratégia para solucionar problemas, indicando que ele pode assumir diferentes configurações na escola a depender dos profissionais envolvidas e destacando o tipo consultoria colaborativa, caracterizada como o trabalho que envolve educadores e especialistas.

No artigo, elas (Machado, Bello & Almeida, 2012) descrevem a consultoria colaborativa realizada entre o especialista (no caso a fonoaudióloga, pesquisadora-consultora) e duas

professoras (consultantes) do ensino fundamental que tinham, cada uma, um aluno com dificuldades de comunicação oral. Como trabalho de intervenção, além de questionários para levantar o que os professores conheciam e teste de linguagem infantil com os dois alunos, houveram 10 encontros no período de 3 meses. Desse trabalho resultou a elaboração de diferentes estratégias junto às professoras, que visavam auxiliá-las a apoiar o desenvolvimento da fala de seus alunos na interação com os colegas e com as próprias professoras, bem como na indicação de aplicativos que trabalhassem, pontualmente, as dificuldades de fala apresentadas pelos alunos.

Pessanha e Leal (2017) relatam um projeto desenvolvido em uma escola da Educação Básica, em Portugal, com crianças da pré-escola ao 4º Ano do Primeiro Ciclo, envolvendo aquelas com e sem deficiência, organizando o trabalho pedagógico e os recursos para que todas pudessem participar. As autoras não inscrevem a proposta explicitamente em uma perspectiva colaborativa, apesar de a mencionarem; contudo, o relato indica que terapeutas, professores de educação especial e professores da classe regular estavam envolvidos na proposta que tinha como foco a criação de fantoches pelas crianças e uma série de atividades relacionadas (criação de histórias, registros delas em livros, expressão dramática, registros gráficos). Não há detalhes de como os profissionais organizaram o trabalho colaborativo, embora se ressalte a colaboração de todos no projeto.

Alguns trabalhos também relatam práticas realizadas fora do espaço físico escolar, porém relacionadas com o processo de aprendizagem efetuado por meio do trabalho colaborativo e com o objetivo de promover o acesso à educação de forma inclusiva. Com Santarosa, Conforto e Basso (2012) é possível ver que a colaboração pode estar também nas plataformas digitais, como o *Eduquito* descrito na pesquisa. Os autores trazem os processos de colaboração e inclusão através dos ambientes virtuais de aprendizagem e as ferramentas digitais planejados a partir dos princípios da acessibilidade e do desenho universal.

No estudo (Santora, Conforto & Basso, 2012), as práticas de colaboração aparecem desde o processo de desenvolvimento dos softwares com pesquisadores e usuários (pessoas com deficiência, profissionais da área de educação) discutindo e aprimorando aplicabilidade e funcionalidades do ambiente digital, destacando aspectos a melhorar e dando margem para integração de novas ferramentas e funcionalidades. As práticas de colaboração estão também na produção de conteúdo de maneira colaborativa entre seus usuários.

A análise dos artigos da categoria possibilitou perceber a importância do engajamento dos sujeitos, na ausência deles o trabalho colaborativo não se efetiva, como indicado em Silva e Givigi (2018) e em Freitas e Monteiro (2016). A análise também ressalta a diferença entre os trabalhos fundamentados no diálogo e aqueles que se apresentam como consultoria. Na consultoria colaborativa (Machado, Bello & Almeida, 2012) a relação entre os sujeitos é demasiado assimétrica, distanciando-se do trabalho colaborativo que valoriza os conhecimentos de todos os sujeitos envolvidos.

Acerca dos sujeitos envolvidos, apenas um dos artigos enfatizou a participação da pessoa com deficiência, com o desenvolvimento do ambiente virtual de aprendizagem *Eduquito* (Santarosa, Conforto & Basso, 2012). Fica a indagação sobre como os alunos com deficiência podem participar das propostas desenvolvidas – ao invés de propostas apenas para eles, ser também propostas com eles.

As práticas colaborativas coletivas podem indicar uma cultura de colaboração na escola, como o que parece estar no projeto apresentado por Pessanha e Leal (2017). Há que se considerar, contudo, que a existência de práticas de colaboração não é sinônimo de uma cultura de colaboração – como na maior parte dos relatos em que o trabalho colaborativo pareceu ser pontual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho colaborativo para a promoção da educação inclusiva pode ter diferentes configurações, nesse levantamento optou-se por categorizar considerando os agentes envolvidos. As duas categorias – *Trabalho colaborativo entre professor especialista e professor de classe regular* e *Trabalho colaborativo coletivo* – são amplas; desse modo, as propostas são diversas, bem como é diversa a compreensão de trabalho colaborativo expressa pelos autores.

Esperava-se encontrar um número maior de textos no levantamento. Talvez o número tenha sido reduzido devido ao critério de inclusão determinar que os textos apresentassem a descrição das práticas. Muitos artigos discutiam de maneira geral o trabalho colaborativo ou até faziam referência a alguma prática específica, mas sem descrevê-la – geralmente com entrevistas e questionário. Ainda sobre os filtros da pesquisa, os termos utilizados na busca podem ter excluído experiências com o trabalho colaborativo que os autores atribuem outra nomenclatura.

Embora os achados apresentem descrição de práticas, se considerou superficial a descrição da maioria. Considerando que o levantamento teve por motivo encontrar experiências que possam inspirar uma proposta de trabalho colaborativo, teria sido importante encontrar detalhes de como se organizou o trabalho, aspectos que foram imprescindíveis para alcançar bons resultados e os aspectos que prejudicaram a efetivação dele. Nesse sentido, para fundamentar o planejamento e implementação de proposta de trabalho colaborativo na escola é preciso ampliar o levantamento, incluindo discussões de natureza teórica e buscar outras fontes como livros e capítulos, além de outros repositórios.

Pensar o trabalho colaborativo é vislumbrar a cultura de coletividade e colaboração na escola. Damiani (2006) aponta os benefícios de uma cultura escolar colaborativa a partir de investigação em duas escolas públicas, com a escola que tem a cultura de colaboração apresentando baixos índices de repetência e evasão entre seus estudantes e alto grau de satisfação e investimento em formação continuada dos docentes. Embora a pesquisadora não estivesse investigando a inclusão escolar, é possível entender que esses benefícios também se estenderiam aos alunos com deficiência. Culturas de colaboração são culturas mais inclusivas (Damiani, 2008).

O destaque dado ao trabalho colaborativo para a inclusão escolar não intenta defendê-lo como a solução, o caminho para a promoção de uma escola para todos. Uma série de aspectos afeta as condições para a escola ser inclusiva e também as condições para os professores se envolverem em propostas colaborativas – por exemplo, a desvalorização do trabalho docente, a precarização e falta de recursos nas escolas, as jornadas de trabalho extensas com pouco tempo para planejar individualmente ou junto com outros professores. Além desses aspectos,

características mais gerais da nossa sociedade são opostas ao trabalho colaborativo e à inclusão: o individualismo e a exclusão.

6 REFERÊNCIA

Azevedo, C. B. (2023). Reflexões sobre a docência para uma escola/educação para a diversidade. *Holos*, 2 (39).

Brasil (2008). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SECADI.

Brasil (2009). *Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009*: Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC/CNE/CEB.

Brasil (2011). *Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011*: Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União.

Damiani, M. F. (2006). A teoria da atividade como ferramenta para entender o desempenho de duas escolas de ensino fundamental. *Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu. p. 1-15.

Damiani, M. F. (2008). Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Educar*, n. 31, p. 213-230.

Ferreira, B. C.; Mendes, E. G.; Almeida, M. A. & Del Prette, Z. A. P. (2007). Parceria colaborativa: descrição de uma experiência entre o ensino regular e especial. *Revista Educação Especial*, n. 29, p. 1-7.

Freitas, A. P. & Monteiro, M. I. B. (2016). "Olhar" e pensar o ensino para alunos com deficiência: os saberes produzidos em contexto colaborativo. *Revista Lusófona de Educação*, n. 34, p. 143-159.

Gil, A. C. (2019). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.

Givigi, R. C. N.; Silva, R. S.; Alcântara, J. N.; Souza, T. A. & Ralin, V. L. O. (2016). O trabalho colaborativo na escola: o uso da tecnologia assistiva. *Educação*, v. 41, n. 2, p. 359-374.

Givigi, R. C. N. & Silva, R. S. (2018). Formação continuada dos professores em contexto: espaços de diálogo/formação no ensino fundamental. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 15, n. 41, p. 126-148.

Machado, A. C.; Bello, S. F. & Almeida, M. A. (2012). O papel consultivo do fonoaudiólogo: algumas reflexões sobre a consultoria colaborativa na escola regular. *Revista Educação Especial*, v. 25, n. 43, p. 233-248.

- Martinelli, J. A. & Vitaliano, C. R. (2018). Desenvolvimento do trabalho colaborativo entre uma professora de educação especial e professores da classe comum. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, v. 36, n.3, p. 1031-1051.
- Mello, A. F. G. & Hostins, C. R. L. (2018). Construção mediada e colaborativa de instrumentos de avaliação da aprendizagem na escola inclusiva. *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 63, p. 1025-1038.
- Mendes, E. G.; Vilaronga, C. A. R & Zerbato, A. P. (2014). *Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre a educação comum e especial*. São Paulo: EdUFSCar.
- Pessanha, A. M. A. & Leal, A. M. E. R. (2017). Didática, reflexão e análise no processo de ensino/aprendizagem, visando a integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). *Revista Matéria-Prima*, v. 6, n.1, p. 157-169.
- Rolim, C. L. A.; Lima, S. M. A. & Lagares, R. (2017). Atividade docente em contexto inclusivo: um olhar sobre o ensino de matemática. *Holos*, v.2, p.229-238.
- Santarosa, L. M. C.; Conforto, D. & Basso, L. O. (2012). Eduquito: ferramentas de autoria e de colaboração acessíveis na perspectiva da Web 2.0. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 18, n.3, p. 449-468.
- Santos, D. A. N.; Lanuti, J. E. O. E.; Rocha, N. C. & Barros, D. D. (2019). Educação Matemática: a articulação de concepção e práticas inclusivas e colaborativas. *Educação Matemática Pesquisa*, v. 21, n. 1, p. 254-276.
- Souza, C. T. R. & Mendes, E. G. (2017). Revisão sistemática das pesquisas colaborativas em educação especial na perspectiva da inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 23, n. 2, p. 279-292.
- Toledo, E. H. & Vitaliano, C. R. (2012). Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 12, n. 2, p. 319-336.
- Vilaronga, C. A. R. & Mendes, E. G. (2014). Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 95, n. 239, p. 139-151.

HOW TO CITE THIS ARTICLE:

Silva, M. A. da, Silva, L. G. B. da, Laranjeira, A. M. F., Silva, L. R. da, & Cenci, A. (2024). CONHECENDO POSSIBILIDADES DE CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO COLABORATIVO PARA A INCLUSÃO ESCOLAR. *HOLOS*, 4(39). Recuperado de <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/10758>



ABOUT THE AUTHORS:

M. A. SILVA

Especialista em Língua Espanhola e suas Literaturas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Graduado em Língua Espanhola e Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Técnico em informática pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); Professor de Língua Espanhola do Ensino Básico III no estado da Paraíba (PB/Brasil).

E-mail: maxalves.smg@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5469-3904>

L. G. B. SILVA

Graduado em pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); atuou como coordenador da cadeira de Relações Étnico-Raciais da gestão do Centro acadêmico de Pedagogia Paulo Freire-CAPed (2019-2021). Vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Inclusiva a partir de Vygotski-GEPEIVyg.

E-mail: laysongabriel@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1752-2764>

A. M. F. LARANJEIRA

Pós Graduada em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Técnica em Informática pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

E-mail: allineduca@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0273-6105>

L. R. SILVA

Graduada em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); graduada em Letras Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Email: ra.lilian21@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5616-0773>

A. CENCI

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação (DFPE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEsp) do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva a partir de Vygotski (GEPEIVyg)/CNPq.

E-mail: adricenci@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1945-7206>

Editor: Francinaide de Lima Silva Nascimento



Submitted May 22, 2023
Accepted December 31, 2023

